



GT 44. Etnografias da música: dilemas e soluções empíricas e metodológicas

Coordenador(es):

Carla Delgado de Souza (UEL)

Marina Bay Frydberg (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Para a antropologia da música, o trabalho de campo e, conseqüentemente, a escrita etnográfica não devem se ater a uma noção simplista da música como sendo exclusivamente som. Desde os anos 1980, crescem as etnografias que utilizam uma concepção ampliada de música, o que faz com que a ênfase dos estudos recaia sobre os fazeres musicais. Com isso, ganham sentido as etnografias que relacionam música com aspectos rituais, étnicos e culturais de grupos sociais distintos. Na busca por uma semântica musical que leve em conta os aspectos poéticos e sociais da música, também tem sido cada vez mais frequente a realização de etnografias da que revelem como os fazeres musicais são perpassados por marcadores sociais como os de raça, gênero e classe social. Entendendo que a antropologia da música está afinada com as proposições e discussões mais amplas presentes nas teorias antropológicas contemporâneas, pretendemos discutir, nesse GT, os dilemas enfrentados pelos antropólogos durante a realização de seus trabalhos de campo, que muitas vezes inspiram a experimentação de novas técnicas de pesquisa para a construção dos dados etnográficos, bem como para a posterior análise destes. O processo de escrita etnográfica tampouco é imune aos dilemas vivenciados pelo pesquisador. Nesse sentido, reflexões sobre as potências e os limites da escrita etnográfica sobre os fazeres musicais são bem vindas.

Ocupação musical do espaço público: estudo etnográfico sobre a atual movimentação de músicos de rua no Rio de Janeiro

Autoria: Renan do Nascimento Santos (Não informado)

Proponho para esta comunicação um debate sobre a ocupação musical dos espaços públicos do Rio de Janeiro. A movimentação de músicos nas ruas e transportes na cidade é bastante heterogênea, em termos de sujeitos, gêneros musicais, formações, repertórios, espacialidades apropriadas, dinâmicas das apresentações, etc. Por certo, esta comunicação não tem por objetivo analisar toda esta diversidade, mas sim estabelecer alguns pontos de referência para a análise, partindo principalmente da interlocução com alguns músicos inseridos neste universo. Conformam-se como objetivos deste artigo, apresentar uma descrição dos tipos ocupação musical dos espaços públicos considerados, bem como dos procedimentos metodológicos operados para realização deste estudo etnográfico e pôr em evidência o contexto de acirradas disputas e tensões entre músicos e diversos setores da sociedade pelos usos e contrausos dos espaços públicos da cidade. As análises apresentadas neste artigo são resultados de pesquisa realizada no mestrado e estão pautadas numa interface central que considera a um só tempo a cidade ? e as territorialidades produzidas por este tipo de ocupação ?, a possibilidade de reivindicar independência musical num circuito tradicional de apresentações e as condições, processos e relações de work postas para este tipo de work informal. Em diálogo com uma bibliografia previamente revisada sobre o tema das diferentes formas de ocupação artística do espaço público, discuto neste artigo a emergência de um circuito alternativo de circulação musical na cidade do Rio de Janeiro através da ocupação das ruas e dos transportes públicos com apresentações musicais ao vivo. A partir da interlocução com músicos inseridos e atuantes nesta movimentação, analiso as reivindicações expressas neste procedimento de ocupação musical do espaço público. Tal ocupação por parte de músicos independentes seria apenas uma questão de reivindicação de independência musical na etapa da circulação?



Ou, perguntando de outra maneira: tal ocupação estaria se dando apenas em função de um circuito restrito de palcos de pequeno e médio porte na cidade ou haveria também a necessidade de produzir outros valores de uso para os espaços públicos da cidade? Que consequências a transposição das apresentações dos palcos para o espaço público traria para as condições de work vivenciadas por estes sujeitos no cotidiano da sua atividade e para as próprias apresentações em si?



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: